



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Homem, natureza e poder: breve panorama do jornalismo literário ambiental brasileiro ¹

Simão Farias Almeida ²

Resumo: Desde o início do século XX, escritores jornalistas brasileiros (ou jornalistas escritores) através do hibridismo de ficção e não-ficção, reportagem e crônica, alegoria e comentário de fatos, jornalismo interpretativo e opinativo, série jornalística e reportagem em formato livro, descreveram as implicações da presença do homem na natureza. Euclides da Cunha, Lima Barreto e Monteiro Lobato, durante a República Velha, usaram perspectivas ambientais, políticas, econômicas, sociais e culturais para associar a exploração da natureza e a violência contra pobres, mulheres, mestiços, nativos, migrantes e trabalhadores. Zuenir Ventura e Daniel Piza utilizam estas perspectivas para denunciar a precária segurança ambiental, econômica e jurídica aos povos da floresta na República Nova (anos 1980 e 1990) e no Governo da Nova Esquerda Brasileira no século XXI.

Palavras-Chave: Jornalismo literário. Jornalismo Ambiental. Homem na natureza. Pós-colonialismo. Subjugação e destruição.

Escritores brasileiros representam as relações do homem com a natureza e suas implicações, associando jornalismo e literatura, ficção e não-ficção, desde o início do século XX. Eles utilizaram meios (livro, jornal, revista), categorias e gêneros (reportagem opinativo-interpretativa, reportagem-crônica, artigo-crônica), usaram formatos de curta e longa extensão (folhetim, *fait divers*, grande reportagem, reportagem em formato livro). É o caso de EUCLIDES DA CUNHA, LIMA BARRETO, MONTEIRO LOBATO, ZUENIR VENTURA, DANIEL PIZA, entre outros.

As narrativas jornalístico-literárias desses escritores jornalistas se inscrevem na tradição do realismo³. Se no século XIX eles forjam distinguir jornalismo e literatura, romper com meios ficcionais para fins factuais, se no modernismo perpetuam esse caráter por meio da falsa

1 Pesquisa científica veiculada ao Grupo de Pesquisa “Estudos Culturais Comparados em Jornalismo Literário Brasileiro” (CNPq/UFRR).

2 Professor Adjunto do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima. Líder do Grupo de Pesquisa “Estudos Culturais Comparados em Jornalismo Literário Brasileiro” (CNPq/UFRR). E-mail: simon-jp@hotmail.com.

³ Nossas discussões sobre o realismo jornalístico estão pautadas na crítica de THOMAS B. CONNERY (2005).



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enja.com.br>

“objetividade” jornalística, os escritores jornalistas a partir da segunda metade do século XX, com o neo-realismo⁴, questionam a tradição e deslocam a percepção dos fatos e experiências individuais e coletivas entre o tratamento objetivo e as mediações subjetivas fragmentadas.

Uma análise das representações da natureza nas produções jornalístico-literárias deve, portanto, considerar essa tradição de prosa de acontecimentos e sua ruptura pautada na plausibilidade factual. Os relatos plausíveis de fatos são garantidos inclusive por técnicas e estilos ficcionais, e não pela relação positivista entre fato e verdade.

Usamos neste artigo as discussões teórico-críticas de BOB WYSS (2008) sobre as narrativas ambientais como misto de jornalismo e *storytelling*, interpretação de fatos e comentário de entrevistados. Também lembramos o debate feito por HUGGAN & TIFFIN (2010), para quem as relações do homem com a natureza são análogas a relações de classe, gênero e outras.

O jornalismo ambiental em formato livro requer o desenvolvimento de uma narrativa, de uma *storytelling* nos termos de BOB WYSS (2008, p.173), e de um projeto político em defesa da natureza, com o qual o autor se envolve e no qual reflete, através de seus discursos ou dos comentários de discursos de outrem, sua posição frente às implicações do lugar e do papel do homem no meio natural. Segundo BOB WYSS (2008, p.160), “Longer stories or projects require the writer to grasp both the story and the concept of why it should be told”⁵, ou seja, *storytelling* de longa extensão permite que o autor, ao narrar os fatos, relate sua própria experiência em relação a eles.

O trabalho jornalístico com fins ambientalistas não deve dispensar técnicas advindas da reportagem moderna. “Or the story may rely on thorough reporting to tell a narrative, a natural story

⁴ Nosso entendimento sobre os desdobramentos do realismo, na segunda metade do século XX (“objetividade” jornalística), tem como referencial crítico a análise do jornalista e pesquisador brasileiro MUNIZ SODRÉ (2009).

⁵ “Estórias ou projetos de longa extensão exigem do escritor o entendimento da estória e do motivo através do qual ela deve ser contada”.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

that the writer either observed or that had been reconstructed through interviews”⁶ (WYSS, 2008, p.159). Mas também, o autor, o escritor jornalista pode somar o testemunho, o estilo narrativo de reportar fatos e a reconstrução das cenas por meio das entrevistas a fim de legitimar as experiências próprias e dos entrevistados.

A técnica de construção narrativa cena a cena foi considerada recurso básico do novo jornalismo estadunidense nos anos 1970 (WOLFE, 2005, p.53-54), que recupera a tradição factual do romance realista. Mas ao tratarmos da produção do século XXI, preferimos falar em interpelação dos sujeitos na construção cena a cena, através da qual o foco recai sobre a testemunha, o entrevistado, o comentarista, o jornalista. Mais do que alternar a descrição de um fato a outro, o escritor jornalista migra a angulação identitária de um sujeito a outro, por meio das demandas das distintas subjetividades que permeiam esses sujeitos. Deste modo, o fato é uma construção individual e coletiva, objetiva e subjetiva, sempre mediado.

A perspectiva pós-colonial sobre homem e natureza, por sua vez, reconhece a aproximação entre ficção e não-ficção a fim de que narrativas deem conta das complexas interconexões de natureza, sociedade, cultura e história. O caráter de protesto social e ambiental têm neste hibridismo e nestas interfaces a garantia da atenção à forma, conteúdo e linguagem (HUGGAN & TIFFIN, 2010, p.14; p.20; p.34).

Esta perspectiva também inclui uma cultura política de representação e “public accountability” (HUGGAN & TIFFIN, 2010, p.12; p.34), ou seja, capacidade publicista de conquistar espaço informativo nos meios públicos de comunicação, valendo-se de política social e estética de gênero a partir de como o contexto, a natureza, se apresenta a ele. A proposta é perceber

⁶ “Ou a estória deve contar com uma reportagem minuciosa ao desenvolver uma narrativa, uma estória natural que o escritor observou ou que tenha sido reconstruída através de entrevistas”.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

como gêneros e meios “have been transformed in different cultural and historical contexts” e “variety of regions have adapted environmental discourses”⁷ (HUGGAN & . TIFFIN, 2010, p.15).

No caso do jornalismo literário ambiental brasileiro, a proposta de pesquisa é investigar como, ao utilizar estilos ficcionais e não-ficcionais, as narrativas associam relações sociais entre si com as relações entre homem e natureza.

Não temos a pretensão de fazer uma análise profunda das narrativas jornalístico-literárias, até porque o espaço deste artigo não permite, mas sim de apontar um rápido panorama das produções ambientais dos escritores jornalistas selecionados. Iniciamos nosso percurso com as produções de curta extensão e as séries jornalísticas, publicadas posteriormente em livro, da primeira metade do século XX. O jornalismo literário ambiental no Brasil começa neste século com a narrativa emblemática do escritor jornalista EUCLIDES DA CUNHA.

A série publicada no livro **Na Amazônia – terra sem história** (1909) já aponta as características da mediação jornalística moderna das representações da natureza. A narrativa de EUCLIDES DA CUNHA, misto de jornalismo interpretativo e crônica, é resultado da pesquisa no local onde os fatos estão acontecendo. Esta pesquisa é fruto do uso da entrevista não ainda como técnica mas como processo de captação dos fatos. O escritor jornalista narra a atividade extrativista nos seringais da floresta amazônica feita pelos migrantes do Nordeste brasileiro.

EUCLIDES DA CUNHA aponta que a exploração não controlada da floresta é resultante da exploração de mão de obra dos seringueiros nordestinos nômades, tratados como “caçadores de árvores”, por parte dos coronéis da Amazônia. Faz esta denúncia através de sua interpretação factual particular, do tratamento dos fatos e de metáforas.

A natureza, no caso a floresta amazônica, é apresentada ora como inadequada ao homem, ora conflituosa ou idealizada por este. No caso das metáforas, elas são construídas a partir de uma

⁷ “tem sido transformados em diferentes contextos históricos e culturais” e “diversidade de regiões têm adotado discursos ambientais”.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

perspectiva naturalista, realista e moderna. Por meio delas, EUCLIDES DA CUNHA aponta o olhar naturalista do “observador escoteiro” interessado nos fatos naturais do ecossistema amazônico e na adaptação do amazônida como um “círculo demoníaco”. Apresenta também percepção realista de “observador errante” na floresta.

O caráter moderno da narrativa fica por conta do hibridismo dos gêneros reportagem e crônica do cotidiano dos amazônidas e da convergência entre aspectos políticos, econômicos, sociais e ambientais. O seringueiro é tratado de explorador da floresta a explorado como pobre migrante nordestino dependente da subsistência garantida pelo patrão numa estrutura verticalizante de poder.

O escritor jornalista MONTEIRO LOBATO no artigo-crônica **Velha praga** (1914) critica as queimadas no interior do estado de São Paulo. Aponta que esta prática é resultante de um processo de subjugação da mão de obra. Aproximando ficção e não-ficção, literatura e jornalismo opinativo, ele utiliza alegoria para associar a violência do fogo contra o solo fértil com a violência de classe (proprietário de terra / agregado), etnia (senhor branco / caboclo ou mestiço) e de gênero (homem / mulher).

A floresta destruída pelas queimadas é alegorizada, numa imagem erótica dolorosa, a uma mulher “nua e descalvada”, despida pela força das chamas. Mas o fogo também é relacionado à figura feminina, tratado como “senhora do campo” a agir com “infernai violência”. A mulher, portanto, é alegoricamente ora representada como violentada, ora violentando o solo através do qual o roceiro poderia vir a usufruir da subsistência agrícola.

O caboclo empregado e pobre é vítima do patrão branco e proprietário de terras que não lhe garante os mínimos vitais de sobrevivência. Não oferece ao empregado o maquinário necessário à prática de arar a terra para a produção de culturas agrícolas. Isto evitaria o uso do fogo que empobrece os recursos naturais do solo necessários a uma dieta alimentar saudável e causa poluição.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

A estrutura hierarquizante da região rural paulista é assim composta: patrão, o caboclo igualado a animais que sofrem maus tratos e a natureza. A natureza, portanto, está no último degrau de degradação. O roceiro também é algoz da destruição da floresta comparada à violência do homem contra a mulher, típica da sociedade patriarcal brasileira da República Velha, sistema político-econômico dominado pelas elites agrícolas. O roceiro mestiço é vítima da isenção político-econômica do patrão que o submete aos sacrifícios da pobreza e de sua própria violência contra a floresta.

A narrativa sinaliza a preocupação do articulista mais com a capacidade produtiva do solo de sua propriedade agrária, daí ironizar as práticas das queimadas e devastação, e menos com o ecossistema florestal; a preocupação pedagógica com os efeitos atrela-se mais ao interesse de classe senhorial, apesar de também ser de caráter ambiental. MONTEIRO LOBATO, todavia, mesmo com sua perspectiva hierárquica de fazendeiro, denuncia o poder, sem instrução técnica ou científica, do Jeca Tatu sobre a natureza, análogo ao poder masculinizante e arcaico sobre a mulher, tratando a questão ambiental como problema étnico e de classe, em primeiro plano, e sexista.

LIMA BARRETO também publicou artigos-crônicas nos quais denunciou a destruição da natureza e suas consequências no cotidiano urbano. Em **As enchentes** (1915) sugere que a expansão desordenada do espaço urbano afeta a geografia a ponto de haver enchentes provenientes das encostas dos morros. Em **Sobre o desastre** (1917), a verticalização de prédios arquitetônicos, tratados pejorativamente como “cabeças-de-porco” (como se os porcos fossem causadores da deterioração dos espaços naturais), além de impedir a vista da bela natureza da região, deixa a população residente destes prédios suscetível à insegurança relativa ao perigo dos incêndios. Nesta narrativa, critica o modelo de arquitetura urbana vertical importado dos Estados Unidos, apontado como inadequado ao cenário das belezas naturais do Brasil; deste modo, sua interpretação jornalística caracteriza-se pela denúncia dos poderes pós-coloniais internos, representados pelas elites político-econômicas associadas aos poderes pós-coloniais externos, que atrelam o projeto de capitalismo nacional ao internacional emergente e preterem a preservação da natureza.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

Nas duas narrativas de LIMA BARRETO, a cidade do Rio de Janeiro aparece como moldura das belezas naturais, mas também é invasora da natureza, degradada pelo processo de urbanização mal planejada de avenidas e bairros.

MONTEIRO LOBATO volta a representar a relação do homem com a natureza na série jornalístico-literária publicada em livro com o título **Problema Vital** (1918). LOBATO associa jornalismo interpretativo e crônica neste livro-reportagem-tese. A epidemia bacteriológica que afeta a população do interior do estado de São Paulo não tem mera causa natural provocada pela geografia física da região de serras, mas principalmente por conta da falta de saneamento básico nas casas e do hábito dos roceiros pobres em andar descalço. Assim, o problema tem causa na incapacidade política que provoca a pobreza generalizada da população.

O tratamento dado pelo escritor jornalista é realista-moderno, valendo-se de metáforas realistas como “país pé no chão”, “fidelidade fotográfica” e “ponta da língua jornalística” para mediar as causas político-econômicas e científicas para o problema. A associação entre clima tropical e região serrana não deixa de ser propícia à adequação de doenças bacteriológicas, mas a causa principal é a falta de ciências biomédicas para combater as epidemias. O hábito de não usar sapatos para proteger os pés de vermes e bactérias não é um problema étnico do mestiço, mas de pobreza social consequência do descaso político com a população menos favorecida economicamente. Um programa científico aplicado nos sertões brasileiros curaria o caboclo pobre e doente.

MONTEIRO LOBATO defende uma campanha sanitária nos sertões brasileiros e cobra um projeto coletivo contra epidemias públicas feito por estadistas, cientistas, sanitaristas, construtores civis e intelectuais. Então, a natureza é isenta de ser a principal ou exclusiva causadora do problema de saúde pública.

Após as duas primeiras décadas do século XX, o jornalismo literário brasileiro passou quase um século sem ter produções de longo formato com preocupação ambiental. Essa lacuna não deve ser desconsiderada, muito menos uma pesquisa a longo prazo capaz de investigar se de fato não



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

houve produções relevantes sobre o tema no período entre o livro-reportagem-tese de MONTEIRO LOBATO e as narrativas do século XXI.

Os livros-reportagem **Chico Mendes: crime e castigo** (2003), de ZUENIR VENTURA, e **A Amazônia de Euclides: viagem de volta a um paraíso perdido** (2010), de DANIEL PIZA apontam problemáticas ambientais contemporâneas atreladas a representações dos sujeitos com suas distintas perspectivas identitárias. As narrativas seguem paradigmas do neo-realismo, pautado na relativa objetividade factual e na subjetividade fragmentada.

Em seu livro-reportagem-biografia, factual e arquivístico, VENTURA amplia a alegoria do “empate”, como prática através da qual um grupo de cem a duzentas pessoas formam uma “corrente humana” em torno de árvores para evitar o desmatamento, a uma causa nacional e internacional em defesa da Amazônia. Esta causa ambiental é compartilhada entre agências ambientais, cientistas, bancos, organizações governamentais e não-governamentais.

A alegoria do “empate” também serve aos propósitos de agência internacional dos interesses ecológicos do líder seringueiro no cenário político-econômico mundial. Chico Mendes dizia que, além do trabalho de conscientização, lutava com as duas armas da pressão internacional e da pressão da sociedade brasileira. Com credencial de jornalista, adquirida junto à imprensa americana, teve acesso à reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Miami e denunciou a seus diretores executivos que o desmatamento na floresta amazônica, praticado pelos fazendeiros, era financiado por bancos internacionais.

No plano nacional, o agenciamento do sentido ecológico do “empate” foi incorporado por instituições públicas e privadas brasileiras. Um deles foi realizado não por seringueiros mas por agentes do ex-Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF). O agenciamento econômico do “empate” partiu também do Presidente da Fier, Federação das Indústrias do Estado de Roraima, que apresentou ao governo federal uma série de recomendações contra o desmatamento.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

ZUENIR VENTURA biografou Chico Mendes, relata os fatos referentes a sua campanha no Brasil e no exterior, a seu assassinato e ao julgamento dos réus. Também produz arquivo jornalístico ao revisitar o Acre e pesquisar o legado do líder seringueiro na Amazônia. O escritor jornalista também biografou os assassinos e compara seus atos de violência contra a floresta, os animais e os homens, e a causa política, econômica e ambiental de Chico Mendes.

VENTURA oscila entre seus comentários sobre os fatos e os diálogos de entrevistados, o tratamento alegórico e a interpretação dos fatos. Problematiza as identidades dos personagens interpelados a comentar os fatos: Mendes, apesar de machista, é ambientalista; os réus fazendeiros, além de machistas, degradam a natureza, violentam animais e homens. A narrativa torna o líder seringueiro herói e mito, e seus assassinos vilões ambientais. Por meio da alegoria do “empate”, a defesa da floresta amazônica é apresentada como luta em favor do patrimônio brasileiro e mundial que garante cidadania ambiental aos seringueiros, amazônidas e povos da floresta.

A proposta de arquivo jornalístico em recuperar e atualizar a imagem das ações ambientalistas do líder seringueiro é agregada ao propósito de perpetuar o legado da defesa da Amazônia como patrimônio do mundo, mediado pela tese jornalística defendida até a última parte da narrativa.

Associando não-ficção criativa e jornalismo ambiental, o factual, a tese e o arquivo com fins biográficos, VENTURA cumpre o papel de perpetuar o engajamento cultural e político do líder seringueiro em favor da natureza sem limitar os meios jornalísticos e literários de apropriação dos sentidos ambientalistas. Na alternância entre seu comentário e a reprodução de discursos dos entrevistados, vai construindo sua posição ideológica em relação aos fatos que envolvem a luta e morte de Chico Mendes e aos comentários sobre seu legado, permitindo que no jornalismo em formato livro eles sejam interpretados e revistos por séculos, provendo novos e futuros sentidos de embates ecológicos.

ZUENIR VENTURA expõe a florestania como um direito que o mundo deve garantir aos povos da floresta e a crise ambiental como um problema de interesse mundial, ampliando o sentido



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enja.com.br>

de defesa da Amazônia para além das fronteiras brasileiras. Desta forma, a cidadania fruto da preservação ambiental, muitas vezes garantida pelos “empates” promovidos por Chico Mendes, se consolida como legado deixado por ele para que o mundo pense a floresta amazônica como patrimônio natural e social de todos.

O “empate” de conflito regional entre fazendeiros e seringueiros se transforma em embate mundial e agenda de negociação promovidos por diversas frentes políticas e econômicas. Mas, no século XXI, se por um lado o sentido ambientalista de “empate” permanece no agenciamento de ações de instituições públicas e privadas brasileiras, por outro seu sentido é relativizado para abrigar a diluição de conflitos entre as partes interessadas nos usos da floresta. Neste sentido, a luta contra a derrubada de árvores para ampliação de terras para pecuária e agricultura dá lugar à negociação, concessão, pacto, agenda de discussão, debate entre as partes em conflito (fazendeiros e seringueiros). A mediação oficial entre as partes envolvidas evita a morte de seringueiros, mas também implica que a florestania, a cidadania dos povos da floresta, deve ser conquistada por meio de concessões.

Por fim, VENTURA sugere em seu livro-reportagem que a morte do líder seringueiro é a morte de espécies dos ecossistemas naturais; que a perseguição a Chico Mendes provém de um projeto de destruição da natureza e de violência também contra os seres não-humanos (animais, vegetais).

O escritor jornalista DANIEL PIZA refaz, cem anos depois, a expedição de Euclides da Cunha na floresta amazônica. Esse resgate biográfico e arquivístico resulta no livro-reportagem **Amazônia de Euclides: viagem de volta a um paraíso perdido** (2010). PIZA distingue a interpretação de EUCLIDES DA CUNHA, na primeira década do século XX, dos comentários de cientistas, ribeirinhos e seu próprio relato sobre a Amazônia do século XXI. Ele recupera de Euclides da Cunha a metáfora de “paraíso diabólico” de difícil adaptação devida menos aos obstáculos naturais e geofísicos da floresta do que à exploração do homem pelo homem.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enja.com.br>

DANIEL PIZA mostra a Amazônia do século XXI sem seringais ativos e com a mão de obra explorada pelos coronéis da borracha, mas o solo é ocupado desordenadamente para a criação de gado e para culturas agrícolas. Além disso, não há um projeto planejado de manejo sustentável. PIZA apenas relata esses problemas apontados nos comentários dos entrevistados. No entanto, não avança em sua interpretação e investigação jornalística, deixando de problematizar os efeitos econômicos, sociais e ambientais da ocupação humana na floresta.

DANIEL PIZA também deixa de apontar os impactos de políticas públicas governamentais de geração de renda na preservação ambiental, e não relaciona o sustento precário proveniente dos programas sociais do Governo à destruição e à sustentabilidade no ecossistema amazônico. Se tivesse feito esse confronto, poderia ter chegado a conclusões lúcidas: independente do estado de pobreza ou de relativa subsistência, o nativo e o migrante destroem a floresta porque são esquecidos pelas políticas públicas a longo prazo.

Apesar de distinguir a percepção naturalista da floresta e do migrante feita por EUCLIDES DA CUNHA da sua perspectiva desenvolvimentista-ambiental, DANIEL PIZA faz um jornalismo mais factual e informativo do que interpretativo e investigativo. Ele não aprofunda as implicações do desenvolvimento sustentável, da agricultura e da pecuária na Amazônia e na vida dos ribeirinhos. Não problematiza a condição social dos povos da floresta como fez CUNHA. Para EUCLIDES DA CUNHA, um século antes, o caboclo migrante é mais vítima do patrão do que vítima e algoz da floresta. A natureza para DANIEL PIZA é, forjadamente, protegida pelo sustento precário garantido pelos programas sociais do Governo Federal.

No livro-reportagem-tese euclidiano, a floresta é representada de diabólica a vítima ou provedora de recursos naturais ao homem, e os rios oferecem condições de navegação necessárias à circulação de riquezas e bens econômicos, ao progresso; já no livro-reportagem-arquivo de DANIEL PIZA, a natureza provedora do extrativismo e do sustento do nativo é substituída por um ecossistema escasso e pelos recursos financeiros precariamente garantidos por programas governamentais.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

O testemunho de EUCLIDES DA CUNHA e DANIEL PIZA varia, respectivamente, entre a ciência, a literatura e a tese jornalística, pautada no testemunho autoral e na polêmica de declarações pesquisadas e reproduzidas num tom ensaístico, do primeiro, e entre a subjetividade dos entrevistados e o trabalho arquivístico do segundo, que polemiza com o regime discursivo euclidiano, recuperando os sentidos da representação da natureza amazônica, porém subestimando o agenciamento do inter cruzamento dos fatores e consequências políticas, econômicas, sociais e ambientais da interferência do homem na floresta.

O testemunho euclidiano é resultante da adoção ensaística e memorialista das declarações de cientistas sobre a Amazônia e da polêmica jornalística que confronta sua própria experiência na expedição com as experiências dos nativos e migrantes. Já o de PIZA, na proposta arquivística, preenche lacunas históricas de fatos políticos, econômicos e sociais testemunhados e mediados por EUCLIDES DA CUNHA, vividos pelos caboclos amazônicos no século XX, somando-os às experiências contemporâneas e memórias dos sujeitos da floresta e às declarações de cientistas brasileiros.

Assim, **Amazônia de Euclides** interpela **Na Amazônia – terra sem história** acerca do processo sempre lacunar da memória coletiva, individual e jornalística, sem prover expectativas de um testemunho que não deixe vestígios e lapsos, tendo em vista que o papel do arquivo jornalístico é abrir mas não fechar os sentidos da escritura.

As duas narrativas instauram memórias e experiências de uma Amazônia explorada, sem projetos renováveis e sustentáveis, mas sugerem que elas não são definitivas: EUCLIDES DA CUNHA conclui seu livro-reportagem-tese gerando expectativas de futuros sentidos em torno do uso econômico da rede ferroviária Transacreama para a Amazônia; DANIEL PIZA aposta em testemunhas especializadas mais adaptadas ao clima e à geografia, sugerindo novas vozes, experiências e memórias sobre o lugar do homem na natureza.

Concluindo nossa travessia pelo jornalismo literário brasileiro, compreendemos que as narrativas ambientais caracterizam-se pelo hibridismo de estilos (ficcionais, não-ficcionais) e



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

gêneros (artigo-crônica, reportagem-crônica, livro-reportagem-biografia-tese-arquivo, livro-reportagem-biografia-arquivo).

A relação entre homem e natureza é mediada nas narrativas analisadas através de metáforas e alegorias, da interpretação factual autoral (**Na Amazônia – terra sem história, As enchentes, Sobre o desastre, Velha praga, Problema Vital**) ou da alternância entre comentários e subjetividades dos escritores jornalistas e dos personagens entrevistados, expressas nos diálogos reproduzidos (**Chico Mendes: crime e castigo, A Amazônia de Euclides**). A relação homem e natureza também é problematizada por aspectos ambientais e políticos (**As enchentes, Sobre o desastre**), ambientais, políticos, econômicos e sociais (**Na Amazônia – terra sem história, Velha praga, Problema Vital, Chico Mendes: crime e castigo, A Amazônia de Euclides**). O tratamento também varia entre o jornalismo interpretativo-investigativo e o factual informativo, que amplia a representação dos sujeitos dos espaços naturais, mas não problematiza suas subjetividades (**A Amazônia de Euclides**).

As narrativas jornalístico-literárias brasileiras atrelam questões ambientais a representações de poderes políticos, de classe, etnia e gênero. Demonstram que, da República Velha pós-independência à contemporaneidade, a destruição da natureza é sintomática da violência contra homens pobres e mestiços, contra mulheres, migrantes e sertanejos. Os poderes executivos da nação forjam atualmente a cidadania ambiental através de precários recursos financeiros de programas sociais. Mais do que associar pobreza com essa destruição, as produções de EUCLIDES DA CUNHA, MONTEIRO LOBATO, LIMA BARRETO, ZUENIR VENTURA e DANIEL PIZA demonstram que a natureza e os “cidadãos” brasileiros carecem de dignidade, mas são esquecidos por parte das elites políticas e econômicas do país, projetando a violência a que são submetidos na destruição dos ecossistemas naturais.

A natureza nas narrativas destes escritores jornalistas é caracterizada ora como lugar inóspito, palco de estruturas de poderes verticalizantes e subjugadores, ora “intrusa” devido ao mau



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

planejamento político dos usos dos espaços naturais. A natureza também é ecossistema agenciado a partir de interesses ambientais governamentais e não-governamentais, nacionais e internacionais.

A diacronia das produções jornalístico-literárias mostra que os discursos de cidadania ambiental e de preservação caminham para o desenvolvimento de políticas culturais e sociais negociadas com atores e subjetividades regionais, nacionais e mundiais, sem a interferência de poderes pós-coloniais internos ou externos interessados em atualizar as antigas formas de opressão que destruíam a natureza através da escravização dos homens.

O jornalismo literário contribuiu com o debate ambiental, desde o início do século XX, aproximando estilos, categorias e gêneros, associando poderes políticos, econômicos e ambientais de dominação sobre o homem e a natureza em metáforas, alegorias, representações factuais e subjetivas.

Esperamos por meio dessas discussões críticas, a ampliação do diálogo sobre as narrativas jornalísticas brasileiras, para que as demandas de preservação da natureza sejam de interesse compartilhado por todas as nações e todos os sujeitos diretamente envolvidos e carentes, nos horizontes do século XXI, de cidadania ambiental.

Referências

BARRETO, Lima. As enchentes; Sobre o desastre. Disponível em: <<http://www.biblio.com.br/defaultz.asplink=http://www.biblio.com.br/conteudo/LimaBarreto/cronicas/indice.htm>>. Acesso em: 02 mai 2013.

CONNERY, Thomas B. **Journalism and realism**: rendering American Life. Evanston: Northwestern University Press, 2011.

CUNHA, Euclides da. Na Amazônia – terra sem história. In: _____. **À margem da história**. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1975.

HUGGAN, Graham & TIFFIN, Helen. **Postcolonial Ecocriticism**: literature, animals, environment. Reprinted. New York: Routledge, 2010.



29 a 31/05/2014 | UFRGS – Porto Alegre/RS | <http://www.enpja.com.br>

LOBATO, Monteiro. Velha praga. In: _____. **Urupês**. 37 ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

LOBATO, Monteiro. Problema Vital. In: _____. **Mr. Slang e o Brasil e Problema Vital**. São Paulo: Editora Brasiliense Ltda., 1950 (Série Literatura Geral, vol.8).

PIZA, Daniel. **A Amazônia de Euclides: viagem de volta a um paraíso perdido**. São Paulo: Leya, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

VENTURA, Zuenir. **Chico Mendes: crime e castigo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WYSS, Bob. **Covering the environment**: how journalists work the green beat. New York: Routledge, 2008.